

## A SEMENTE DA PAZ NOS JARDINS DA ESCOLA: AÇÕES E PROPOSTAS DAS JUVENTUDES NO BOM JARDIM

*Elizangela Lima do Nascimento  
Kelma Socorro Alves Lopes de Matos*

Neste artigo trazemos parte da pesquisa realizada na dissertação de mestrado intitulada *Semeando Paz Nas Escolas do Bom Jardim: Estudo de Caso no Curso Jovens Agentes da Paz – JAP*. No relatório final que gerou a dissertação citada dividimos as reflexões em quatro capítulos principais. Houve a discussão sobre a formação das juventudes do grande Bom Jardim, especificamente as juventudes que participaram do Curso JAP, realizado pelo Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa – CDVHS<sup>1</sup>, em cinco escolas estaduais. A quarta parte da referida pesquisa, direcionou-se a repercussão dos projetos idealizados pelas juventudes nas escolas, fruto de uma das propostas deste curso. As reflexões quanto as percepções das juventudes sobre a formação e a paz foram publicadas em outro artigo<sup>2</sup>. Aqui, nos deteremos a refletir sobre as escolas e sua participação e colaboração para as ações das juventudes em favor da paz. Para a execução da pesquisa, realizamos estudo de caso, com foco na formação do JAP, nos valendo dos saberes das juventudes e sua ótica em todo o percurso de pesquisa e formação. Na coleta de dados, entrevistamos formadores da ONG, docentes e gestores nas escolas. Realizamos

---

<sup>1</sup> O Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS) é uma Organização Não Governamental (ONG), sem fins econômicos, fundada em 1994, com o apoio do Arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider. Sua criação é resultado de um processo de mobilização das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Área Pastoral do Bom Jardim, com o apoio do Centro de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos Arquidiocesana de Fortaleza e dos Missionários Combonianos do Nordeste. (CDVHS, 2008).

<sup>2</sup> Cf. *As Juventudes e a Paz.* (NASCIMENTO; MATOS., 2012).

também registros da observação participante nas formações, além de grupos focais com as juventudes e entrevistas.

Em nossa intimidade com a pesquisa da paz, observamos em muitos escritos a associação da paz a uma semente. Uma semente ainda jovem, mas que teima em florescer em nossos jardins. A semente da paz plantada pelas juventudes no Bom Jardim ganhou força, voz através de suas ações, contudo, teria encontrado a paz terra boa a ser cultivada e frutificada? Identificamos os jovens com nomes de sementes, relacionadas aos valores que os sujeitos escolheram durante as entrevistas, sendo esses os principais sentimentos que os remetiam à formação na qual participaram e as escolas que representam em nossa lógica a terra, ganharam cor e cheiro com nome de flores que encontramos em seus jardins durante a pesquisa. Seguimos a sequência da Parábola do Semeador<sup>3</sup> para publicação dos resultados<sup>4</sup>. Que exporemos a seguir.

### **A Semente no Caminho: Escola Lírio**

Essa escola havia sido construída há quase 16 anos, funcionando nos três turnos, com ensino fundamental e médio. Possui ótima estrutura física, com laboratórios de ciências e informática, quadra de esportes e uma horta. Desde 2005, elabora projetos relacionados à cultura de paz. A gestão não soube informar que motivos levaram a escola a adotar a paz como tema para os projetos. Em 2010, os professores da área de formação humana adotaram o *Programa Cinco Minutos de*

---

<sup>3</sup> O Novo Testamento. Haroldo Dutra Dias. Ed. FEB, 2013. Evangelho de Lucas. Cap 8. V. 1, 15.

<sup>4</sup> A Parábola disserta sobre o percurso da semente que em vários espaços sofre com as dificuldades para florescer e crescer, assim comparamos a semente da parábola, a paz idealizada nos projetos das juventudes do Grande Bom Jardim. A escola por vezes apresentou-se como solo árido ou fértil na execução dos projetos dos jovens, dependendo, a ótica dos resultados, de cada gestão.

*Valores Humanos na Escola*<sup>5</sup>. Trata-se de uma escola acolhedora e bastante arborizada. Entrevistamos, nesse espaço, sete jovens participantes do JAP, dois professores que compõem a gestão e a professora de História e Formação Humana.

Na conversa com a coordenadora pedagógica, esta narra sua experiência e opção pela educação e sobre o desafio de educar jovens e crianças. Segundo ela, muitos tinham contato direto com a marginalidade, vinham de famílias sem “estrutura econômica ou afetiva”. Acompanhamos suas observações e aproveitamos para perguntar como ocorria a relação da escola com a comunidade. Ela informou que sempre buscavam “dialogar com as ONG’s, igrejas, com os pais, tentando melhorar a aprendizagem e a relação com os alunos”.

Os jovens, para a coordenadora, nas suas falas e histórias focam em crimes, violências, e para eles é banal falar “eu vou te dar um tiro”. Durante a nossa conversa, adentram na sala da coordenação dois jovens que haviam sido convidados a sair da sala de aula, pois estavam interrompendo a rotina. Os jovens reclamavam que haviam sido “expulsos”, por que estavam tentando se organizar melhor no fundo da sala, que estava muito cheia. Afirmaram que tudo tinha piorado com a história dos “cantos marcados” (lugares na sala de aula). Posteriormente, perguntamos quantos alunos havia naquela turma, e ela informou que eram 45.

Os jovens continuaram a reclamar da falta de diálogo com a professora, da visão que a escola tinha deles, que eram considerados “bagunceiros” e da autoridade incontestável da professora, cuja verdade “era única nos fatos”. Um deles afirmou “o professor tem mais autoridade que o aluno se o professor diz que a gente faz algo de errado, a gente faz.”

---

<sup>5</sup> Cf. [www.cincominutos.com.br](http://www.cincominutos.com.br)



A coordenadora tentou conciliar a situação, e afirmou que averiguaria as informações, mas que não questionaria a autoridade da professora. Disse que precisavam se comprometer em dedicar-se às aulas, e pediu que assinassem uma ata de compromissos. Observamos que há a necessidade de mais diálogo entre alunos e professores. Recordamos Almeida (2009) que, em suas reflexões sobre mediação de conflitos na escola, afirma que no Brasil é comum os conflitos escolares serem resolvidos pela gestão. Pensar numa mediação entre pares, e especialmente, entre professor e aluno exigiria uma situação em que as partes pudessem se expressar igualmente. Ressaltamos ainda que o professor autoritário “afoga a liberdade do educando” (FREIRE, 1996, p.60) negando sua autonomia, e as possibilidades de interação, convivência e aprendizado por meio do diálogo, além da afetividade.

Consideramos importante destacar a necessidade de pensarmos a educação das juventudes considerando suas culturas e saberes, no que a relação entre jovem e escola precisa ser amadurecida. Dayrell (2007), afirma a dificuldade que as escolas possuem em reconhecer o jovem que existe no aluno e ainda em compreender a diversidade presente na condição juvenil. Matos (2001, p.147), lembra que “O desrespeito e a negação da escola para com os discentes provoca grandes desencontros no cotidiano escolar. Os jovens vão se distanciando ressentidos por não serem aceitos e compreendidos”.

Sobre a abordagem da cultura de paz nessa escola, a coordenadora afirmou que periodicamente desenvolviam projetos com a temática. Quando perguntamos sobre a participação dos jovens do JAP, se em algum momento a escola buscou conversar com eles sobre os seus projetos, a docente não soube informar, e indicou que a outra coordenadora acompanhava o projeto “mais de perto”.

Em conversa informal com a outra coordenadora, esta nos disse que sempre incentivava os jovens a participarem das ações do JAP, e, na medida do possível, acompanhava o projeto. Identificava como importante a mudança significativa dos jovens, quanto ao maior comprometimento e melhor convivência escolar, contudo ao questionarmos os jovens sobre como aplicavam os conhecimentos da formação na escola, responderam na mesma perspectiva expressa a seguir:

*Para falar a verdade nos não conseguimos aplicar esses conhecimentos, serviu mais para formar amizades, a gente não colocou em prática por que não tinha espaço para falar e com o tempo a gente foi esquecendo. (Semente da Esperança, 2 ).*

Os jovens pontuaram a dificuldade em se relacionar com os professores e expor suas ideias, especialmente em sala de aula. Abramovay (2011) expressa que um dos conflitos mais presentes no espaço escolar é a dificuldade no diálogo entre adultos e jovens. Existe uma nítida negação da cultura juvenil. Esse perfil se acentua também com os jovens do JAP.

Em entrevista com um aluno representante do JAP na escola, escolhido pelos jovens para articular os grupos de diálogo, ele afirmou que não conseguiram organizar um projeto, como sugeria a formação. Além da falta de diálogo com os professores, ressaltou que não houve consenso sobre qual tema a escola trabalharia para constituir o projeto relacionado à paz. Aguardavam o resultado da pesquisa que organizaram no início da formação para articular os projetos.

Para o JAP, a paz se liga à justiça, aos direitos humanos, à mediação de conflito; para a Escola Lírio, a paz se faz por meio dos valores, da discussão da ética, da diminuição da violência na escola. Destacamos que as incluir a discussão da paz no ambiente escolar ou no currículo, necessariamente, não

implicará em mudanças significativas, se não envolver teoria e prática. “Não basta falar de paz para constituir a educação para a paz” (GUIMARÃES, 2004) é preciso vivenciar a paz. Continuando nosso estudo, visitamos a escola Acácia.

### **A Semente Entre os Lugares Pedregosos: a Escola Acácia**

A Escola Acácia foi construída há 17 anos, funcionando nos três turnos, com ensino fundamental e médio, possui projetos relacionados à paz há quase 15 anos. Em seu corpo docente nenhum professor recebeu formação nessa perspectiva. Atualmente a escola optou pelo trabalho de forma transversal com três linhas gerais para a execução de seus projetos: A educação ambiental, africanidades e cultura de paz. Entrevistamos seis jovens, e uma professora do laboratório de multimeios. Na última visita que realizamos conversamos ainda com a professora de formação humana que trabalha com a paz em suas aulas no ensino fundamental, por meio de textos e da reflexão em grupo. Realizamos ainda observação da rotina escolar.

Desde que foi construída, a escola enfrenta sérios problemas de invasão de jovens para o uso da quadra, alguns envolvidos com gangues da comunidade. Sobre o JAP a professora nos informou que desde 2006 a escola atua junto ao CDVHS, participando da primeira formação sobre a paz, os *clubes de paz*<sup>6</sup>. A escola busca acolher o projeto e dialogar com os representantes da proposta, incentivando os jovens a comparecer a todos os encontros. Alguns jovens do JAP, nessa escola, são envolvidos com movimentos populares e o

---

<sup>6</sup> Os clubes da paz foram projetos criados pelo CDVHS em 2006, e tinham como objetivo formar os jovens para que fossem multiplicadores da paz, na escola e na comunidade.



grêmio. Ao falar sobre a paz, apresentam uma postura crítica sobre as relações, pontuam violências, entraves e aspectos positivos na relação professor-aluno na escola. Durante a realização dos grupos focais, os jovens da Escola Acácia afirmaram que não se articularam para organização do projeto na escola, pois aguardam o resultado da pesquisa do Laboratório de Violência da Universidade Estadual do Ceará, que indicará as ocorrências no espaço escolar.

Quando perguntamos se os professores conheciam a proposta do JAP, afirmaram que não e acrescentaram: 'Os professores acham que somos as mesmas pessoas. O meu comportamento mudou' (Semente de Esperança 1). Madalena Freire (2006), aponta que entre uma educação problematizadora, baseada nos saberes dos estudantes e na reflexão, alguns docentes optam por impor sua presença e proibir o pensar verdadeiro, focando em aulas expositivas e métodos de controle do aprendizado. Esse modelo educativo gerou uma proposta de formação baseada no repasse da informação, relegando a um segundo plano, aspectos como a afetividade e a espiritualidade.

Matos (2001) compreende que há uma cultura predominante que não sugere ao professor o valor do aprendizado com os alunos, isso faz com que muitos não saibam agir de outra forma. Dayrell (2006), refletindo sobre essa questão, afirma que há atualmente uma crise entre escola e juventude, provocada por mutações profundas na sociedade ocidental. O modo de ser do jovem, a mudança nos processos de socialização exige que a escola se renove. A negação do diálogo, da relação respeitosa entre alunos e professores marca a formação dos jovens, que muitas vezes sem a possibilidade de serem escutados, silenciam diante da figura do professor. Reencontramos os jovens por ocasião de um evento no Centro de Defesa Herbert de Sousa, conversando com eles informalmente,

informaram que a escola decidiu adotar um novo uniforme, sem consultá-los. Resolveram, então, fazer uma greve. Segundo eles, foi a única alternativa encontrada para chamar a atenção da gestão. Perguntamos quanto tempo conseguiram ficar sem aulas, ao que responderam: “Apenas três dias”. A gestão não deu atenção à greve, e acabaram tendo que aceitar o modelo escolhido.

Matos (2001) em seus estudos com juventudes e escola identificou que o uniforme incomodava os jovens, pois os padronizava. Por isso sempre buscavam complementos que os fizessem diferentes, incluíam bonés, pulseiras, camisetas por baixo do uniforme. Essa atitude predomina nos jovens entrevistados.

Nossa busca continuou. Tínhamos a esperança de encontrar uma experiência mais positiva, idealizada pelos jovens, ou pelo menos um esboço inicial de algum projeto que pudesse ser desenvolvido. Visitamos, então, a escola que possuía o maior número de participantes do JAP.

### **A Semente Entre os Espinhos: a Escola Chanana**

A escola foi construída há cerca de 10 anos, funcionando nos três turnos com alunos do ensino fundamental e médio. Na ocasião do estudo, a escola não possuía projetos relacionados à paz. Nessa instituição, a gestão se recusou a conceder entrevistas, apesar de aceitar nosso diálogo com os jovens. Entrevistamos dois alunos. Chegamos à escola com grande expectativa. Essa instituição possuía o maior número de alunos inscritos no curso JAP, cerca de 31. Muitos haviam mudado de escola, trocado de horário. Os jovens foram acolhedores e receptivos. Eram comunicativos e falaram sobre a formação e seus projetos para a escola. Informaram que aguardavam as



orientações do JAP para a organização dos projetos. Quando perguntamos se em algum momento tiveram a oportunidade de trazer as temáticas discutidas na formação para a escola, um deles respondeu que a gestão só abordava algum tema nesse sentido quando ocorria algo grave.

A escola não possuía grêmio, os jovens afirmaram que, por várias vezes, tentaram organizar grupos, conversar com os gestores sobre o grêmio, mas foi tudo em vão. Acreditamos que esse fato denuncia a falta de diálogo com as juventudes. Informaram-nos ainda, que não tinham esperança em executar o projeto sobre a paz em sua escola. A gestão impedia qualquer ação. Sobre a relação com os professores informaram que se modificou. A partir da formação do JAP, passaram a ter maior tolerância com os docentes. Contudo, jovens de outras escolas enfatizaram a dificuldade em interagir e dialogar com os docentes. “A gente aprendeu a ouvir, o professor falava alguma coisa a gente ia em cima, depois que a gente fez a formação melhorou, eu era muito explosiva” (Semente da Amizade).

Os jovens sentem a necessidade de afirmar suas posturas contrárias às violências sofridas na escola; entretanto, temem contestar a autoridade dos professores, o que aparentemente lhes traria retaliações. No que se trata da atuação da gestão escolar, Milanni (2003) orienta que o papel de liderança do diretor, sua conduta, a forma como estabelece as relações, especialmente como trata as pessoas, favorece ao estabelecimento de um “padrão” que tende a ser reproduzido nas demais relações na escola.

Acreditamos que a discussão entre gestão escolar e juventudes precisa ser aprofundada, sendo uma das chaves que norteiam o trabalho da paz na escola, que precisa ser feito de forma integrada e interinstitucional. Se pensarmos em um

modelo de escola, que atue na contramão aos valores hegemônicos de intolerância teremos um instrumento real de mudanças, não definitivas, mas iniciais. Millani (2003, p.370) afirma que o trabalho com a cultura de paz nas escolas nos pede:

Uma relação educador – educando fundamentada no afeto, respeito e diálogo; um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar[...] a resolução pacífica dos conflitos[...] a fundamentação da cooperação e trabalho conjuntos.

Pensando nesse espaço acolhedor e democrático que almeja o trabalho com a paz, podemos dizer que nossos jovens ainda enfrentarão novos desafios. Na Escola Chanana não tivemos oportunidade de conversar com os docentes. Em geral, a escola sofre as mesmas dificuldades que as instituições Lírio e Acácia, no que se trata do diálogo com as juventudes, contudo o perfil da gestão se mostra ainda mais autoritário.

### **A Semente na Terra Boa: Escola Jasmim**

A Escola foi construída há 27 anos e funciona nos três turnos, com ensino fundamental e médio. Encontramos em sua estrutura uma quadra grande, sala de multimeios e uma horta. A instituição tem boa estrutura, sendo ampla e organizada. Segundo a Coordenadora Pedagógica, que atua desde 2004, os projetos relacionados à paz sempre estiveram, mesmo que de forma pontual, na pauta dos seus projetos escolares. A escola prioriza projetos bimestrais, focando: nos dois primeiros bimestres do ano letivo as ciências físicas e químicas; no segundo bimestre, matemática; no terceiro, a consciência negra e os temas transversais; e no quarto, linguagens e



literatura, realizando anualmente uma gincana literária com tarefas artísticas esportivas e sociais, essas últimas ligadas à arrecadação de alimentos, roupas e produtos de higiene para as associações de assistência social.

No ano de 2010, a gincana literária relacionou o tema à discussão dos direitos humanos e à produção literária, por meio do estudo de autores como Rachel de Queiroz, Tiago de Melo e Ferreira Gullar, dentre outros. Tivemos oportunidade de entrevistar a coordenadora pedagógica, uma professora e uma jovem aluna.

Na entrevista, a professora traçou, em linhas gerais, o perfil da instituição, indicando que é uma escola inserida em área violenta da comunidade. Apesar da insegurança, os problemas em relação à violência são mínimos comparados ao entorno. Viver na comunidade significa ainda, conviver com os índices de agressões e violação de toda ordem.

*Nós remamos contra a maré, nossos administradores diretos sempre afirmam que independente de qualquer coisa é preciso acontecer o conhecimento. Como promover o conhecimento diante dessas dificuldades? São famílias desestruturadas, problemas sociais que estão fora da escola, mas que afetam a aprendizagem, apesar disso nós realizamos nosso trabalho, mas a escola está sozinha, jogam os projetos e nós precisamos executar.*  
(Coordenadora Pedagógica – Escola Jasmim).

O árduo trabalho pedagógico de educar diante das adversidades exige dos educadores tarefas múltiplas, como indica o depoimento da professora. Os desafios demandam uma estrutura pedagógica que reavalie a sua atuação, para associar-se à realidade dos jovens, quanto ao aparato necessário a outras instituições de assistência, segurança, políticas afirmativas e inclusão. Após a conversa com a coordenadora e a professora, percebemos que muitos jovens haviam saído das aulas, em busca de roupas para ensaios de teatro..

Quando decidimos visitar a escola Jasmim, tomamos conhecimento de que essa foi a única em que os jovens desenvolveram um projeto relacionado à formação do JAP. Tivemos acesso ao projeto, que priorizava a abordagem contra o *bullying*. Buscávamos coletar as impressões deles sobre a experiência. A jovem escolhida como representante da escola era responsável por articular informações junto ao CDVHS e já havia concluído o ensino médio, mas conseguimos o contato dela com um professor da escola e realizamos uma entrevista via e-mail. Primeiramente perguntamos por que dentre tantos temas abordados pelo JAP decidiram realizar um projeto sobre *bullying*, ao que ela respondeu:

*A realidade em nossa escola pedia, quando não suplicava que algo fosse feito para intervir nas constantes situações de enorme desrespeito que agrediam diretamente nossos alunos, no tolo objetivo do divertimento de uns. Enquanto Grêmio podíamos e devíamos tomar alguma providência quanto a isso, uma vez que Direção e Núcleo Gestor não priorizavam tais ações. Logo, resolvemos por nós mesmos montar um tipo de momento “se situa” com todas as séries, de todas as turmas e turnos, enfim, conseguimos ter um momento com todos os alunos, conhecendo a realidade do convívio das turmas, transmitindo informações que caracterizavam a gravidade da prática de **bullying**, e infelizmente, evidenciando casos de **bullying** em nosso meio. (Semente de Girassol).*

Apesar do aparente distanciamento dos gestores, segundo a jovem, o projeto foi acompanhado e assessorado pela coordenadora, que coordenou a saída das turmas e inserção dos professores no processo.

Felizmente conseguimos ótimos resultados dessa prática, e com muito esforço também conseguimos por meio de parcerias com o Núcleo de atendimento a Família

(Ação do Posto de Saúde) atendimento e orientação psicológica com as vítimas as quais nos deparamos. Hoje posso afirmar (ainda com não muito sentimento de satisfação) que o *bullying* em nossa escola foi imensamente reduzido, mas infelizmente não foi extinto. Essa é uma realidade que não pode ser ignorada, mas que pode e vai, ser modificada.

O acompanhamento junto ao Núcleo de Atendimento a Saúde da Família – NASF<sup>7</sup> foi essencial, por meio desse aparato os jovens puderam ter acesso ao suporte psicológico. Organizando alguns depoimentos dos jovens, durante os grupos de diálogo realizados no CDVHS encontramos uma fala importante de Semente de Girassol:

*A gente identificou a vítima e o agressor, a menina que era agredida pediu transferência da escola e o agressor foi encaminhado para tratamento psicológico, quando era perguntado por que motivo fazia aquilo, ele ria e dizia que era bom ver a reação dela (Semente de Girassol).*

A jovem considera que o JAP foi fundamental em suas trajetórias. Estimulou o protagonismo a autoconfiança e mais que isso, a interação entre as juventudes do Bom Jardim. Apesar do aparente distanciamento da gestão no projeto que idealizaram, o jovem pontua a presença da gestão no decorrer da ação que promoveram. ‘Dos professores de minha escola, acho que só a Diretora e a Coordenadora tomaram conhecimento’. Acreditamos que apesar das dificuldades citadas, na Escola Jasmim o projeto atingiu parte de seu objetivo. Os gestores optaram pelo diálogo e os jovens organizaram-se de forma a executar o projeto junto ao grêmio, facilitando a discussão da temática e o trabalho com o *bullying*. Essa discussão

---

<sup>7</sup> Para mais aprofundamento ver <http://dab.saude.gov.br/nasf.php>.

promoveu uma reflexão para que identificassem a violência verbal e pudessem, a partir disso, encaminhar os casos mais extremos para serem solucionados. A semente plantada na Escola Jasmim deu frutos, o que sem o apoio da gestão e a mobilização dos jovens não seria possível.

### **O Semeador Saiu a Semear...**

Apesar dos esforços dos formadores e dos jovens do JAP, cremos que pensar na formação das juventudes requer o desafio de viabilizar a formação dos professores em educação e cultura de paz, pois sem isso a inserção de projetos educativos no espaço escolar fica prejudicada.

Em sua maioria os jovens indicam que as principais dificuldades encontradas para não executarem os projetos sobre as temáticas do curso JAP, se dão pela pouca receptividade das escolas. Em seus discursos, enfatizam a necessidade da juventude possuir voz nas decisões escolares.

Viabilizar projetos no espaço escolar em favor da paz convida-nos a repensar a estrutura da escola, o formato de relações que estabelece no cotidiano, a qualidade e as condições de trabalho dos professores, pois sem isso, teremos um trabalho dissociado da realidade. A busca pela paz se insere também na organização pela qualidade da educação. Assim, visualizamos o potencial positivo eminente nos jovens para a disseminação da paz enquanto força positiva como nos sinaliza Matos (2003). “Não há um caminho para a paz, a paz é o caminho” a frase atribuída a Mahatma Ghandi nos mobiliza a pensar em como criar condições de ensino e aprendizagem na escola que norteiem os princípios pedagógicos baseados na Paz? Essa e outras questões nos animam a novas buscas!



## Referências Bibliográficas

- ABRAMOVAY, Miriam. *Juventude e cultura escolar*. Artigo Disponível em: [www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com](http://www.miriamabramovay.com/site/index.php?option=com) Acesso em: 20 jan. 2011.
- ALMEIDA, Sinara Mota Neves de. *Avaliação das concepções de violência no espaço escolar e a mediação de conflitos*. Tese (Doutorado), Fortaleza: Ed. UFC, 2009.
- DAYRELL, Juarez. *A escola "faz" as juventudes?* Reflexões em torno da socialização juvenil. Artigo, 2007. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf) Acesso em: 20 nov. 11.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. Educação para a paz segundo Paulo Freire. *Revista Educação*, Porto Alegre, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996.
- GUIMARÃES, Marcelo Rezende. A Educação em tempos de violência. Disponível em: [www.educapaz.org.br/texto1.htm](http://www.educapaz.org.br/texto1.htm). Acesso em: 25 maio 2004
- MATOS, Kelma Socorro Lopes de. *Juventude e Escola: desvendando teias de significados entre encontros e desencontros*. Tese (Doutorado), Fortaleza, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Juventude, professores e escolas: possibilidades de encontros*. Ijuí: UNIDUI, 2003.
- MILANI, Feizi Masrour. Cultura de paz x violência: papel e desafios da escola. In: MILANI, Feizi Masrour; JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de (Orgs.). *Cultura de paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003. p.369-386.

